

CRIANDO CONEXÕES: EXPERIÊNCIA PIBIDIANA NA PERSPECTIVA DA ARTE E DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIANA FERREIRA PEREIRA¹; MARILUCE KURZ VIEIRA²
MARCELO OLIVEIRA DA SILVA³:

¹Universidade Federal de Pelotas – mariana.ferreirapereira8@gmail.com

²Secretaria Municipal de Educação – mariluce.pel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – moliveiras@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é expor para a comunidade acadêmica as múltiplas linguagens que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) utiliza de modo a promover um ambiente que estimule as crianças a experimentar, criar e descobrir sobre o mundo. Nesse sentido, surge a necessidade de abordar tal temática, uma vez que as intervenções são espaços de desenvolvimento das pibidianas no campo da docência bem como são benéficas para a formação cognitiva e social dos infantes através da arte e da literatura.

O PIBID permite que acadêmicos de licenciaturas apliquem nas escolas os aprendizados da graduação e aqueles que foram criados a partir dos estudos realizados no programa. O curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas participa do programa, sendo dividido em diversos núcleos. O qual faço parte é o “PIBID de Educação Infantil - Infância, interações e brincadeiras”, cujos princípios são mesclar a literatura, o brincar livre, a arte e a natureza para fortalecer os diálogos das crianças com o meio em que vivem, de modo natural e sem amarras.

A metodologia baseia-se na observação participante oriunda das intervenções com a turma de maternal 2A da Escola Municipal de Educação Infantil Herbert José de Souza, localizada na cidade de Pelotas - RS. Além disso, serão utilizadas bibliografias como o livro “Mosaico de traços, palavras, matéria” (Reggio Children, 2022), o capítulo “A arte é para as crianças ou é das crianças? Problematizando as questões da arte na Educação Infantil” (Borges; Cunha, 2015), entre outros para a fundamentação teórica.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As intervenções na escola tiveram início em março de 2025, os planejamentos ficam a critério de cada dupla, mas devem ser centralizados nos princípios que o núcleo utiliza. Desse modo, colocamos a arte, a natureza, o brincar livre e a literatura como elementos norteadores das propostas. No começo, as crianças olhavam para nós como professoras que estão na posição de dizer o certo e o errado, a instruir o “como fazer”, entretanto o nosso papel é propor um contexto de acolhimento, investigação, expressão, reconhecimento de si, do outro e do mundo.

O pensar nas propostas para as crianças é um movimento muito importante para o desenvolvimento delas. Acreditamos que quanto maior a diversidade de materiais, suportes (onde a arte é registrada), riscantes (o que deixa marcas nos suportes) e contextos investigativos, melhor serão as

experiências das crianças. Para que possamos criar um planejamento, precisamos testar o que os infantes terão contato, por isso, “Antes de propor a atividade às crianças, nós, adultos, exploramos instrumentos e materiais, escutando-os e procurando entender as suas possibilidades.” (Reggio Children, 2022, p.16). Para concretizar isso, realizamos oficinas nas reuniões pibidianas, nas quais os grupos traziam propostas com inúmeras alternativas de fazer arte, explorando os elementos naturais e recursos não óbvios, para nos inspirarmos desenvolvendo as proposições para as crianças.

De acordo com os relatos reunidos pela Instituição Municipal de Reggio Emilia, presentes na obra Mosaico de traços, palavras, matéria, “Todas as crianças, em diferentes idades, com curiosidade, comprometimento e diversão, escolhem e exploram os materiais e os instrumentos à disposição” (Reggio Children, 2022, p. 25). Sob essa perspectiva, é preciso que o docente perceba sua importância em criar um ambiente propositor rico em inovação, escolher o inusitado ao invés do comum. Para exemplificar, cito uma intervenção na qual juntamos os maternais, colocamos um papel pardo no chão, e disponibilizamos pincéis naturais (feitos com graveto e folhas), esponjas cortadas, carvão, giz de quadro e tintas coloridas. As crianças utilizaram os riscantes no suporte expressando-se artisticamente, mas também exploraram o toque da esponja com tinta na mão, sentiram o áspero do carvão e o liso do giz entre os dedos. Dessa forma, de uma proposta temos inúmeras possibilidades de experimentação.

No campo da literatura, nosso intuito com os livros é permitir uma leitura deleite, podendo ser realizada no começo ou no final da intervenção. As narrativas são selecionadas a partir da análise do perfil da turma. Na qual estou locada, as crianças gostam de histórias mais curtas, com muitos recursos visuais, dobraduras, cores e elementos do cotidiano deles (frutas, objetos, animais...).

O momento da leitura, deve ser mágico, uma vez que nos transporta para outros cenários, conhecemos novos personagens e acompanhamos descobertas. O maternal 2A interage mais com a história quando ela é contada, e não lida. “No ambiente da contação de história, há estímulo à imaginação e a criança se diverte, viajando para outros tempos e espaços [...]” (Ferreira; Guimarães, 2024 p. 10), nesse contexto, o docente que lê articula com recursos que possuem relação com a história. Um exemplo disso é usar fantoches, fazer entoação de voz diferente para cada personagem, contribuir com comentários que instigam a curiosidade pelo desfecho, além de acolher as associações e percepções das crianças ao longo da narrativa.

Diante desse cenário, relato duas intervenções que fizemos a leitura do livro “Uma lagarta muito comilona” do autor Eric Carle (2011), a primeira lida e a segunda contada. No mês de abril, as crianças conheceram a história da lagarta, mas ficaram um pouco dispersas durante a leitura, justamente por ter sido lida sem o “toque humano”. Na segunda vez, sentamos em roda no chão, apresentamos a capa, e as crianças interagiram como se nunca tivessem visto o livro. Conhecendo a história, contamos sem ler palavra por palavra, as crianças acabaram contando a história com o que viam das páginas, sendo um momento mais interativo e gratificante, o elemento que mais marcou a experiência foi as cerdas no corpo da lagarta, denominadas como “espinhos” pelas crianças.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é um espaço de movimento, criação, descoberta e investigação. É onde as crianças possuem papel de protagonistas, contribuindo

com seus conhecimentos de mundo e aperfeiçoando habilidades. O professor participa como mediador da criança para com as possibilidades que o contexto dispõe, tornando as experiências imersas em novidade, que fogem do tradicional.

Desse modo, através da arte, da natureza, da literatura e do brincar livre, as crianças são encorajadas a explorar, sentir e expressar-se de forma autêntica. A seleção dos materiais deve ser feita de modo coerente e que seja convidativa para novas possibilidades e descobertas, por isso as oficinas realizadas nas reuniões do PIBID contribuem para fortalecer o olhar sensível e criativo para a construção das propostas, considerando os materiais não convencionais e a perspectiva das crianças frente às proposições.

A experiência com a contação de histórias permite o envolvimento lúdico e emocional, que potencializa o interesse e participação das crianças, quebrando a ideia de que literatura seja um momento desafiador e desprovido de prazer. Ao passo que é preciso reconhecer os gostos dos infantes, o que torna o momento mais proveitoso.

A experiência que o PIBID proporciona para as graduandas é crucial, visto que temos contato com um novo olhar sobre a pedagogia. É um espaço que permite nos vermos como docentes, enfrentarmos a dura realidade que é a Educação na contemporaneidade, percebermos nossas grandiosidades como professoras que estão na escola para aprender junto com as crianças. O “professorar” é estar constantemente se adaptando, inovando e reinventando ideias, uma vez que a Educação carrega em si a esperança da transformação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA CUNHA, S. R. V.; BORGES, C. B. A arte é para as crianças ou é das crianças? Problematizando as questões da arte na Educação Infantil. In: FLORES, M.; ALBUQUERQUE, S. (org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 85-100.

FERREIRA, N. D. L. S.; GUIMARÃES, E. G. A. A literatura infantil e o desenvolvimento da criatividade, da criticidade e do gosto pela leitura. **Revista Pergaminho**, Minas Gerais, v.15, p. 08 - 21, 2024.

REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMILIA. **Mosaico de traços, palavras, matéria**. Porto Alegre: Penso, 2022.